

O CRONISTA ITALIANO OSEA FELICI NO BRASIL DOS ANOS 20

Sérgio MAURO*

Claudia Fernanda de Campos MAURO**

- **RESUMO:** O presente ensaio visa a elaborar a análise de *Il Brasile com'è*, volume de crônicas sobre o Brasil escrito em 1923 por Osea Felici, jornalista italiano que esteve principalmente no Rio de Janeiro nos primeiros anos da década de 20. Destacam-se o estilo literário do autor, a argúcia de muitas observações feitas sobre a cultura e a economia brasileiras e os preconceitos de natureza ideológica por parte do autor.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo italiano. Estilo literário. Olhar italiano sobre o Brasil.

Desde o seu descobrimento, o Brasil foi descrito ao longo dos séculos por muitos viajantes, exploradores e, sobretudo a partir do século XIX, por muitos cronistas italianos. Amerigo Vespucci (Américo Vespúcio) inaugurou essa longa série com observações sobre os costumes dos índios brasileiros à época do descobrimento. Ao comentar a sexualidade dos índios, por exemplo, Vespucci usa e abusa da fantasia, demonstrando qualidades literárias em seus escritos que já foram notadas por Todorov. Ao comparar os relatos de Colombo com os de Vespucci, Todorov (apud GARIN, 1985) ressalta que o navegador florentino vai muito além do aspecto meramente documental que caracterizava os escritos do genovês:

La seconda direzione è quella del canibalismo. Colombo riferiva la cosa per sentito dire (quando non capiva nulla della lingua degl'Indiani). Amerigo, per parte sua, si difonde in ampi commenti: gl'Indiani catturano dei prigionieri di guerra per consumarli in un secondo tempo; il maschio mangia volentieri la moglie e i figli; e lui, Amerigo, há parlato com um un uomo che gli ha confidato di aver inghiottito più di trecento suoi simili; e nel corso di una passeggiata presso gl'Indiani, ha visto della carne umana sospesa alle travi, come da noi la carne di porco. Amerigo

* UNESP- Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras, Câmpus de Araraquara, SP- Brasil - 14800901. oruam@fclar.unesp.br

** UNESP- Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras, Câmpus de Araraquara, SP- Brasil - 14800901. claudiamauro@fclar.unesp.br

Artigo recebido em 30/07/2015 e aprovado em 14/10/2015.

riferisce questi dettagli, se così si può dire, piccanti, prima di comunicare l'opinione degli Europei davanti a un cibo così succulento. Non c'è dubbio, la scelta del tema è avveduta. Basta vedere a che punto è frequente nelle illustrazioni dell'epoca o nei racconti posteriori. (TODOROV apud GARIN, 1985, p.346)¹.

Em seguida, Todorov conclui a sua análise e ressalta o caráter propositadamente fantasioso dos relatos de Vespucci, sobretudo no que se refere aos costumes sexuais dos índios:

Infine, la terza direzione che prende il racconto d'Amerigo è quello della sensualità. In proposito Colombo si limitava a dire: "In tutte queste isole gli uomini sembrano contentarsi di una sola donna". Amerigo è agli antipodi: davanti a questo tema la sua immaginazione si scatena. Le donne degli indiani sono estremamente lubriche, ripete, e intrattiene i suoi lettori (dei maschi europei) con questi dettagli: esse fanno mordere i pene dei loro partners da animali velenosi; il pene cresce fino a proporzioni incredibili, sicché alla fine scoppia e gli uomini diventano eunuchi (s'immagina l'emozione e il sollievo per i lettori). Una nuova gratificazione per il lettore europeo sopraggiunge poco dopo, viene informato del successo presso le donne indiane de viaggiatori europei – che non sono sottoposti, si può credere, al medesimo trattamento rischioso. "Quando hanno la possibilità di unirsi coi cristiani, spinte da eccessiva lubricità, si corrompono e si prostituiscono". E Amerigo afferma anche di non dirci tutto: "Cose che non ricorderò per ragioni di pudore"; o, in Quator navigationes: "Pudore impone di omettere l'artificio di cui si servono per soddisfare la loro disordinata lussuria". Espediente ben noto per mettere a contributo l'immaginazione dei lettori. (TODOROV apud GARIN, 1985, p.347)².

¹ "A segunda direção é a do canibalismo. Colombo relatava os fatos por ter ouvido falar deles (quando não entendia absolutamente a língua dos índios). Américo, por sua vez, se deixa levar por comentários amplos: os índios capturam alguns prisioneiros de guerra para comê-los depois; o homem come com prazer a mulher e os filhos, sendo que ele, Américo, falou com um homem que lhe contou ter engolido mais de trezentos semelhantes seus. Além disso, no decorrer de um passeio com os índios, viu carne humana pendurada em varas, como nós costumamos fazer com a carne de porco. Américo conta esses detalhes, por assim dizer, picantes, antes de referir a opinião dos europeus diante de um alimento tão succulento. Não há dúvida: a escolha do tema é perspicaz. É só constatar a frequência com que aparecer nas ilustrações da época ou nos relatos posteriores" (TODOROV apud GARIN, 1985, p.346, tradução nossa).

² "Enfim, a terceira direção tomada pelo relato de Américo é a da sensualidade. A esse respeito, Colombo se limitava a dizer: 'Em todas essas ilhas os homens aparentemente contentam-se com uma única mulher'. Américo chega aos extremos: com esse tema, a sua imaginação fica desenfreada. As mulheres dos índios são extremamente lascivas, ele diz, e passa a entreter os seus leitores (homens europeus) com estes detalhes: elas deixam que animais venenosos mordam o pênis de seus companheiros. Depois, o pênis cresce até chegar a proporções incríveis, e no final explode, fazendo que os homens se tornem eunucos (dá para imaginar a emoção e o alívio para os leitores). Outra fonte de prazer para o leitor europeu vem logo em seguida, quando ele fica sabendo que os viajantes europeus têm sucesso com as mulheres índias, mas, é de se supor, não são submetidos ao mesmo tratamento arriscado. 'Quando têm chance de se unir com os cristãos, estimuladas pela lascívia excessiva, elas se corrompem e se prostituem'. E Américo afirma ainda que não nos conta tudo: 'Coisas que não quero lembrar por razões de pudor', ou ainda, em *Quatro navigationes*: 'O pudor me obriga a omitir o artifício que utilizam para satisfazer

Antonio Pigafetta, o famoso navegador de Vicenza que integrou a expedição de Fernão de Magalhães, também dedicou ao Brasil algumas páginas do seu livro *Viaggio attorno al mondo*. Com mais desprendimento e objetividade do que Vespucci, ele descreve de modo natural o canibalismo e outras práticas indígenas: Na seguinte passagem, por exemplo, escrita em dialeto vicentino misturado com toscano, chega mesmo a descrever de que maneira os índios tupinambás preparavam a carne humana antes de devorá-la: “*Non se mangiano subito, ma ognuno taglia uno pezo e lo porat in cas, metendolo al fumo; poi ogni 8 iorni taglia uno pezeto, mangiandolo brutolado con le altre cose, per memoria degli sui nemici*” (PIGAFETTA, 1987, p.49)³.

Ao analisar o diário de bordo do navegador vicentino, o historiador italiano Bausani (1972, p.13) também ressaltou a objetividade de Pigafetta:

*Altra cosa notevole è l'obiettività del Pigafetta nel referire di cibi, usi, costumi, anche quelli che dovevano sembrargli strani, degli abitanti da lui visitati. Mentre in altre relazioni di viaggiatori europei si inseriscono spesso giudizi di valore, deprecazioni, critiche di certi usi che sembrano agli europei assurdi o poco familiar, Pigafetta descrive in genere la realtà come la vede e, - con solo poche eccezioni - non dà giudizi a favore o sfavore.*⁴

Em sua obra sobre as navegações de Fernão de Magalhães, Edouard Roditi (1989, p.65) define o navegador de Vicenza como o iniciador da “ciência moderna da antropologia cultural”. Pigafetta talvez não chegue a tanto, mas é inegável que, em seus diários de bordo, não se deixa apenas deslumbrar pela exuberância dos trópicos, procurando, dentro de seus limites, e sem emitir pareceres negativos ou positivos, relatar os costumes e o modo de vida dos índios.

Pigafetta elabora inclusive um pequeno glossário com palavras indígenas e o equivalente em italiano. Ao contrário de Vespucci, interessa-lhe documentar o que vê, não se deixando levar pela fantasia. Em uma das poucas passagens de exceção mencionadas por Bausani (1972), Pigafetta, assim como outros europeus da época, deixa um pouco de lado a objetividade documental e emite um parecer sobre a possibilidade de catequização dos índios, concluindo que, devido à “ingenuidade

a sua desenfreada luxúria’. Trata-se um expediente bem conhecido para estimular a imaginação dos leitores” (TODOROV apud GARIN, 1985, p.347, tradução nossa).

³ “Não comem logo, mas cada um deles corta um pedaço e o leva para casa, colocando-o no fogo; depois de oito dias cortam um pedacinho, comendo-o queimado com as outras coisas, em memória dos seus inimigos” (PIGAFETTA, 1987, p.49, tradução nossa).

⁴ “A objetividade de Pigafetta ao mencionar os alimentos, usos e costumes dos povos visitados é outra coisa admirável. Ele se refere até mesmo aos costumes que deveriam parecer-lhe estranhos. Pigafetta descreve a realidade por ele observada e, com poucas exceções, não emite pareceres positivos ou negativos, enquanto em outros relatos de viajantes europeus aparecem frequentemente juízos de valor, desaprovações, críticas de certos hábitos que parecem absurdos ou pouco familiares para os europeus” (BAUSANI, 1972, p.1, tradução nossa).

deles”, não seria difícil fazê-los acreditar na fé cristã: “*facilmente se convertirebbero a la fede di Gesù Cristo*” (PIGAFETTA, 1987, p.51).

Depois de Vespucci e Pigafetta, foram muitos os cronistas e escritores italianos que escreveram páginas com observações sobre a vida e cultura brasileiras, sobretudo a partir das últimas décadas do século XIX e do início do XX. Ubaldo Moriconi em *Il paese de' macacchi*, de 1897, e Alfredo Cusano em *Italia d'oltremare: impressioni e ricordi dei miei cinque anni in Brasile*, de 1911, também descrevem minuciosamente a sociedade e os costumes de várias regiões do Brasil da época. Moriconi (1897) não vai muito além de observações preconceituosas, chegando mesmo a considerar muito difícil ou quase impossível a adaptação do italiano aos trópicos. Cusano (1911), porém, aponta o futuro promissor do Brasil e a inevitável assimilação do imigrante italiano.

A título de exemplo, pode-se citar ainda Gina Lombroso, filha do ilustre jurista Cesare Lombroso, que em 1904 escreveu um livro que relatava com detalhes o que vira no Brasil da época Gina Lombroso (1908). No entanto, foi Osea Felici o jornalista italiano que provavelmente mais dedicou crônicas ao Brasil no século passado. No volume de título *Il Brasile com'è*, publicado em 1923, com estilo nitidamente literário, Felici reuniu vários artigos sobre o Brasil enviados para o *Giornale d'Italia* entre os últimos meses de 1922 e o começo de 1923.

O volume se abre com interessante apresentação intitulada *Passeggiata oceanica*, em que o jornalista considera fora de moda as descrições de viagem de navio com as primeiras impressões a bordo, comuns na literatura de viagem e na literatura “jornalística”, para empregar o termo italiano usado pelo autor. Felici (1923) evita, portanto, as impressões de viagem por vezes demasiado longas como, por exemplo, as dos cronistas italianos Cusano (1911), Moriconi (1897) e Malan (1885), que escreveram sobre o Brasil cerca de vinte ou trinta anos dele, afastando-se também da visão terna, piedosamente cristã, do romance *Sull'Oceano*, escrito no final do século XIX por Edmondo De Amicis⁵. Observe-se a passagem em que o autor, em nome da objetividade jornalística, aparentemente “lamenta” não poder delongar-se demais na descrição da paisagem:

Ahimè! Confesso che non mi sento davvero il coraggio di tentare una simile descrizione. La consuetudine dei viaggi in genere e dei viaggi transoceanici in specie; la più ampia esperienza che ciascuno di noi ha attinto dalla guerra; l'idea che già queste strade furon viste e battute da tanti fratelli che vi si precipitarono, direi quasi, in dolorose frane umane, disanimano. Com'è possibile esprimere ciò che essi da tanto tempo videro e provarono in una infinitamente più acuta nostalgia? (FELICI, 1923, p.8)⁶.

⁵ Cf. De Amicis (2003).

⁶ “Ai de mim! Confesso que não sinto realmente a coragem de tentar semelhante descrição. O costume das viagens em geral das viagens transoceânicas especialmente; a experiência mais ampla que cada de um nós extrai

No entanto, o autor acaba discorrendo sobre a comida a bordo, sobre os amores fugazes e a elegância (ou deselegância) das mulheres, etc. Não se furta a descrever a beleza da Bahia de Guanabara. Considerando a beleza da paisagem que encontra na chegada ao Rio, ele a considera não apenas linda, como também a supõe original, em perfeita harmonia com a cidade moderna que lhe surge diante dos olhos.

A organização do Rio, a eficiência (na visão do autor) dos serviços públicos e a limpeza da cidade surpreendem o jornalista italiano que certamente ouvira falar da epidemia de febre amarela ocorrida anos antes. Felici chega ao exagero de considerar quase “perfeitos” a organização e o “funcionamento da vida material” do Rio de Janeiro da época:

Dall'Europa, dall'Inghilterra, dalla Francia, dalla Germania, dall'Italia, dagli Stati Uniti (gli Stati Uniti d'America del Nord con il loro rapido e gigantesco progresso costituiscono per gli Stati Uniti del Brasile un esempio, un monito, un incitamento, direi meglio una esasperazione!) esso ha preso tutto quel che ciascuno offriva di meglio, trasportandolo ed applicandolo al proprio paese, il quale ha accolto le novità e gli innovamenti perché niente vi si opponeva. N'è derivato che la struttura, la organizzazione e, per un certo grado, il funzionamento della vita materiale sono pressoché perfetti. (FELICI, 1923, p.44)⁷.

Assim como boa parte das crônicas sobre o Brasil que diplomatas e literatos italianos publicaram no início do século passado, Felici (1923) observa o Brasil com olhos de um filósofo determinista que não raramente beira o racismo. Se por um lado considera positivo o temperamento latino do brasileiro, por outro não esconde o temor pela “perigosa” mistura de raças. Chega mesmo a definir como “inferiores” o negro e o índio que constituem a etnia brasileira. Do mesmo modo responsabiliza o temperamento latino misturado ao caldeirão de raças pela paixão do homem brasileiro por jogos e mulheres:

Intanto il Brasile giuoca: giuoca nei clubs, alle corse, alle lotterie, ovunque può, sempre che può, perché il giuoco è una passione brasiliana. Non la sola, è vero. La donna: ecco un'altra - la principale, forse - passione brasiliana, che richiama Eva da ogni parte del mondo, dalla Polonia e dalla Francia, dalla Siria e dalla Russia,

da guerra: a ideia que estas ruas foram vistas e percorridas por tantos irmãos que para cá se mudaram em, eu diria, quase em dolorosos desmoronamentos humanos, desanima. Como é possível exprimir o que eles há tanto tempo viram e experimentaram em uma nostalgia infinitamente mais aguda?” (FELICI, 1923, p.8, tradução nossa).

⁷ “Da Europa, da Inglaterra, da França, da Alemanha, da Itália, dos Estados Unidos (os Estados Unidos da América do Norte com o seu rápido e gigantesco progresso constituem para os Estados Unidos do Brasil im exemplo, uma advertência, um incitamento, uma exasperação, diria melhor!), o Brasil pegou tudo o que cada um oferecia de melhor, transportando-o e aplicando-o no próprio país, o qual acolheu as novidades e as inovações porque nada a elas se opôs. Disso derivou que a estrutura, a organização e, de maneira relativa, o funcionamento da vida material são aproximadamente perfeitos.” (FELICI, 1923, p.44, tradução nossa).

dall'Italia e dall'Egitto, che scompagina i quadri delle compagnie di operetta e dei corpi di ballo. L'amante: è l'aspirazione di ogni brasiliano [...]. (FELICI, 1923, p.52)⁸.

Se por um lado Felici reconhece a organização eficiente das cidades e dos serviços brasileiros, por outro não deixa de observar que em matéria de regime político, o presidencialista, o Brasil estava muito atrasado: “*Come mai paesi così giovani, che dalla civiltà occidentale han succhiato tutte le esperienze e tutti i progressi, si trovano – in fatto di reggimenti politici – così arretrati?*” (FELICI, 1923, p.71)⁹.

O caráter fortemente unitário do país merece também uma importante observação do autor:

Osservate il Brasile: in tutti i suoi Stati la lingua parlata è il portoghese, mentre, fuori del Brasile, si parla spagnolo. Né anche noi possiamo vantare una unità linguistica, non inquinata da varietà dialettali, come il Brasile. Il paese è enorme (otto milioni e mezzo di chilometri quadrati) ma i suoi confini, per ragioni fisiche, etniche e politiche, sono tali che tutti gli Stati della confederazione sarebbero costretti ad obbedire ad un movimento concentrico, ad assumere così una coscienza brasiliana, se non l'avessero [...]. (FELICI, 1923, p.73)¹⁰.

Observações mais pertinentes e sagazes encontram-se nas páginas seguintes, nas quais o jornalista italiano investiga com rara felicidade a mente do imigrante que do Brasil exige apenas o conforto material, e para tanto quer deixa para trás as disputas políticas e as intermináveis polêmicas e agitações da Itália:

Io ho compreso qui la frase “rifarsi l'esistenza in America”. L'America dà un senso psicologico in cui l'Oceano pare agisca da anestetizzatore. Nella ospitalità dell'ambiente, noi non soffriamo più neanche la nostalgia dell'Europa. Le passioni europee – della nostra vita di cittadini – ci riescono quasi estranee. Qui la vita si

⁸ Em quanto isso o Brasil joga: joga nos clubes, nas corridas, nas loterias, onde puder. E sempre que puder, porque o jogo é uma paixão brasileira. Não é a única, é verdade. A mulher: eis outra paixão, e talvez a principal paixão brasileira. Tal paixão chama a Eva de todas as partes do mundo: da Polônia e da França, da Síria e da Rússia, da Itália e do Egito Esvaziam os grupos das companhias de opereta e dos corpos de baile. A amante é a aspiração de todos os brasileiros [...] (FELICI, 1923, p. 52, tradução nossa).

⁹ “Como é possível que países tão jovens, que da civilização ocidental sugaram todas as experiências e todos os progressos se encontrem – em matéria de regimes políticos – tão atrasados?” (FELICI, 1923, p.71, tradução nossa).

¹⁰ “Observem o Brasil: em todos os seus estados a língua falada é o português, enquanto fora do Brasil se fala espanhol. Nem mesmo nós podemos ostentar uma unidade linguística não contaminada por variantes dialetais. O país é enorme (oito milhões e meio de quilômetros quadrados), mas as suas fronteiras, por razões físicas, étnicas e políticas, são tamanhas que todos os estados da confederação seriam obrigados a um movimento concêntrico e a assumir, assim, uma consciência brasileira, se não a tivessem [...]” (FELICI, 1923, p.73, tradução nossa).

rinnova. Qui si viene esclusivamente per guadagnare, e si lascia in patria il fardello delle nostre passioni dolorose e delle nostre fedi politiche.

È così che tutte le colonie- prima la nostra – sono vuote di sentimento politico. È così che un gran materialismo, ma senza brutalità, anzi carezzevole di forme, pesa sull'atmosfera. Si sente, nel clima sociale, come un'asfissia. (FELICI, 1923, p.74, grifo do autor)¹¹.

Mais adiante, a análise feita poderia valer para o Brasil atual:

Intendiamoci bene: la vita culturale – umanistica e moderna – è sviluppatissima; il pensiero giuridico è compiuto; la espressione letteraria – secondo mi affermano – degna di figurare in un'antologia mondiale; la solidarietà umana si concretizza in una fitta organizzazione di istituti di assistenza. Ma fan difetto la passione politica, le concezioni generali dei grandi problemi del paese che starebbero a significare un altruismo (il sentimento politico è un sentimento eminentemente altruistico) a favore della collettività, a dimostrare che si è capaci di oggettivizzare la propria nazione. (FELICI, 1923, p.74-75)¹².

Sobre a convivência entre os diversos povos (e raças) que formaram (ou estavam formando) o Brasil, o jornalista italiano mostra-se bastante otimista:

Intanto nel vasto dramma di popoli che tessono la vita brasiliana per la storia di domani, in questa gigantesca vicenda di razze e di nazioni che approdano a questo continente e sono via via assorbite; nell'incendio paziente di questa specie di enorme fornace che è il Brasile, non si può non ammirare, in confronto dell'Europa martoriata dall'odio, lo spettacolo di tanta diversa umanità, che convive nella pace operosa.

Il grido cristiano: "Pace agli uomini di buona volontà" há qui trovato la sua obbedienza.

¹¹ “Eu compreendi aqui a frase ‘reconstruir a existência na América’. A América dá um sentido psicológico no qual o Oceano parece agir como anestésico. Na hospitalidade do ambiente, nós não sofremos mais nem mesmo com a saudade da Europa. As paixões europeias – da nossa vida de cidadãos – nos resultam quase estranhas. Aqui a vida se renova. Aqui se vem exclusivamente para ganhar, e se deixa na Pátria o fardo das nossas paixões e das nossas fés políticas.

É assim que todas as colônias – a nossa em primeiro lugar – estão desprovidas de sentimento político. É assim que um grande materialismo, mas sem brutalidade, aliás, até carinhoso nas formas, pesa sobre a atmosfera. Dá para sentir, no clima social, como uma asfixia.” (FELICI, 1923, p.74, tradução nossa).

¹² “Que fique bem claro: a vida cultural – humanista e moderna – é muito desenvolvida. O pensamento jurídico está completo e a expressão literária – segundo me disseram – é digna de figurar em uma antologia mundial. A solidariedade humana se concretiza em uma densa organização de institutos de assistência. Mas há defeitos na paixão política, nas concepções gerais dos grandes problemas do país que poderiam significar um altruísmo (o sentimento político é um sentimento eminentemente altruísta) em favor da coletividade, demonstrando a capacidade de tornara objetiva a própria nação.” (FELICI, 1923, p.74-75, tradução nossa).

Un territorio immenso, un nuovo mondo che non ha bisogno se non del lavoro umano: ecco chi ha operato il miracolo! (FELICI, 1923, p.88)¹³.

Com relação à economia brasileira da época, o autor não hesita em considerá-la caótica. Visitando as fazendas de café do interior de São Paulo, Felici constata que não há entre os colonos italianos a miséria de vinte ou trinta anos atrás. Ao mesmo tempo, porém, acredita que no país não exista uma consciência nacional, pois apenas o instinto acabava prevalecendo em todas as decisões políticas importantes:

La realtà è che la vita economica brasiliana è un caos ove l'istinto impera. Qui tutto è istinto: istinto degli uomini che approdano a questi lidi; istinto della terra che, appena graffiata, riversa i tesori della sua favolosa ferocità. È da questa prevalenza dell'istinto sulla coscienza nella vita economica brasiliana che derivano tante anomalie, [...]. (FELICI, 1923, p.168)¹⁴.

O autor, claramente simpatizante do fascismo, em várias passagens não evita considerações de cunho racista: “*Le razze e gli uomini sono tutti liberi e tutti uguali davanti alla legge. Ma! O sterilità e inanità della generosa e grandiosa menzogna democratica!*” (FELICI, 1923, p.197)¹⁵.

Mais adiante, Felici chega mesmo a afirmar que a libertação dos escravos foi um erro e que teriam sido necessários ainda muitos anos de escravidão no Brasil. A imigração em massa dos europeus parecia-lhe, portanto, apenas um grande “negócio”. Na opinião dele, a imigração organizada e voltada para a “conquista de terras” poderia ter resolvido o drama da imigração em massa para a Itália. Nesse sentido, mais uma vez, a perspectiva do jornalista italiano não se distanciava da política fascista no que dizia respeito à imigração.

A capacidade de absorver a cultura e a ciência dos outros povos é ressaltada repetidas vezes pelo jornalista italiano:

¹³ “No entanto no vasto drama de povos que costumam a vida brasileira para a história de amanhã, nessa gigantesca confluência de raças e de nações que chegam neste continente e são aos poucos absorvidas, e no incêndio paciente dessa espécie de enorme fornalha que é o Brasil, não se pode deixar de admirar, em comparação à Europa martirizada pelo ódio, o espetáculo de tantas diferentes humanidades que convivem na paz operativa. O grito cristão: ‘Paz aos homens de boa vontade’ encontrou aqui a sua obediência.

Um território imenso, um novo mundo que precisa apenas do trabalho humano: eis quem realizou o milagre!” (FELICI, 1923, p.88, tradução nossa).

¹⁴ “A realidade é que a vida econômica brasileira é um caos onde o instinto impera: instinto dos homens que chegam a estas margens; instinto da terra que, tão logo encostem nela, despeja os tesouros da sua fabulosa ferocidade. É dessa predominância do instinto sobre a consciência na vida econômica brasileira que derivam tantas anomalias [...]” (FELICI, 1923, p.168, tradução nossa).

¹⁵ “As raças e os homens são todos livres e todos iguais diante da lei. Ora! Ó esterilidade e inanição da generosa e grandiosa mentira democrática!” (FELICI, 1923, p.197, tradução nossa).

Il genio brasiliano è, come ebbi occasione di notare, simile al genio dell'ape: prende dagli altri popoli quel che essi hanno di meglio, più eletto e squisito. È così che per quanto riguarda la scienza (meccanica, chimica) esso si rivolge alla Germania, per quanto riguarda il diritto all'Italia. Ma per l'arte e per la letteratura esso si è orientato verso la Francia. (FELICI, 1923, p.220)¹⁶.

As conclusões do autor baseiam-se sobre conceitos de necessidade de preponderância de uma raça sobre as demais, e de superioridade da “civilização latina”. Típica concepção fascista, portanto. Felici acreditava também que a imigração italiana, sobretudo para São Paulo, tinha de ser conduzida e coordenada pelo governo italiano e pelas autoridades consulares:

Ora che scrivo, riveggo la nostra immigrazione nello Stato di San Paolo. Visioni di marosi che si accavallano l'un sull'altro, e diventano tanto più grossi e potenti via via che dale coste, dai grandi centri cittadini, ci immergiamo nell'interno, verso le zone della più recente colonizzazione [...]. Ogni forma di assistenza, o per lo meno ogni simbolo di assistenza ufficiale, manca. (FELICI, 1923, p.246)¹⁷.

Felici (1923) conclui, assim, de maneira pessimista, a sua visão da pujança brasileira. Novamente chamando a atenção para a necessidade de uma “raça” capaz de fornecer a devida consciência ao país, o jornalista acredita que o Brasil não poderia viver apenas da “ostentação das riquezas naturais”. Assim como Massimo Bontempelli (1936), que em suas crônicas considerava a juventude do Brasil uma virtude, e não um defeito, ele também enxergava na imaturidade brasileira um possível trampolim para um futuro promissor. Como italiano e ligado à ideologia fascista, porém, preocupava-se com o fato de que os italianos no Brasil, apesar das dificuldades iniciais, acabavam constituindo uma colônia bastante integrada e assimilada pela cultura local. No seu entendimento, melhor seria se os italianos conseguissem fundar uma espécie de “nova Itália”, como uma extensão ou como uma nova colônia fascista. De resto, trata-se de uma propalada crença, muito em voga no início do século XX italiano, pela qual a Itália teria direito a uma parte do território sul-americano, seja por ter ajudado a descobrir essas terras do Novo Mundo, seja pela enorme colônia de imigrantes que

¹⁶ “A genialidade brasileira é, como tive ocasião de notar, semelhante à genialidade da abelha: extrai dos outros povos o que eles tem de melhor, mais escolhido e refinado. É assim que no que diz respeito à ciência (mecânica, química) ele se dirige à Alemanha, e com relação ao direito se dirige à Itália. Mas no que se refere à arte e à literatura, se orienta em direção à França” (FELICI, 1923, p.220, tradução nossa).

¹⁷ “Agora que estou escrevendo, revejo a nossa imigração no Estado de São Paulo. Visões de ondas que se sobrepõem umas sobre as outras, e se tornam cada vez maiores e poderosas à medida que do litoral, dos grandes centros urbanos penetramos no interior, em direção às regiões de colonização mais recente [...]. Todas as formas de assistência, ou pelo menos todo símbolo de assistência oficial, estão ausentes.” (FELICI, 1923, p.246, tradução nossa).

foi se formando a partir de meados do século XIX nos Estados Unidos, na Argentina e no Brasil:

Singolare destino il nostro! Italiani furono tutti i grandi scopritori dell'America: Verrazzani e i Caboto nel Nord, Colombo nel centro, Vespucci nel Sud; ed intanto tra le potenze marittime dell'Europa, l'Italia è la sola che non posseda un palmo di terreno nel Nuovo Mondo. Una vasta provincia italiana è là sulle rive della Plata e de' suoi affluenti; ma i nostri fratelli che l'abitano vi perdono persino l'uso della lingua materna.
(BOCCARDO, 1978, p.129)¹⁸.

Felici, como afirmamos anteriormente, também sonhava com a expansão colonial por meio da imigração em massa. Na prática, porém, tanto ele como outros intelectuais e jornalistas italianos que se referiram ao Brasil nos anos 20 e 30, acabaram “resignando-se” com a inevitável assimilação do imigrante em São Paulo e em outras regiões brasileiras. De certo modo, apesar das incoerências e dos preconceitos de natureza ideológica, ele foi um dos poucos cronistas italianos que conseguiram enxergar no Brasil algo além do mero aspecto pitoresco ou exótico. Sem dúvida alguma, como procuramos demonstrar nos parágrafos anteriores, *Il Brasile com'è* pode ser inserido entre os melhores trabalhos jornalísticos já realizados por um cronista italiano sobre o Brasil.

MAURO, S.; MAURO, C. F. de C. Osea Felici: an italian reporter in Brazil of the twenties. **Revista de Letras**, São Paulo, v.55, n.1, p.117-127, jan./jun. 2015.

- **ABSTRACT:** *Starting with a few observations about the first italian writes who describe Brazil, this essay intends to remark the Oseas Felici's book. Felici wrote the book Il Brasile com'è in 1923. He was a italian reporter who visited Rio de Janeiro in 1922-1923. We want to underline in this essay the author's remarks about the brazilian culture and economy, the literary stile of the italian reporter and the his prejudices which have ideologic nature.*
- **KEYWORDS:** *Italian jornalismo. Literary style. Italian view about Brazil.*

¹⁸ “É singular o nosso destino! Foram italianos os grandes descobridores da América: Verrazzani e os Caboto no Norte, Colombo no centro, Vespucci no Sul. No entanto, a Itália é a única entre as grandes potências marítimas da Europa que não possui um palmo de terra no Novo Mundo. Há uma vasta província italiana às margens do Plata e dos seus afluentes, mas os nossos irmãos que lá vivem já perderam até mesmo o uso da língua materna.” (BOCCARDO, 1978, p.129, tradução nossa).

Referências

- BAUSANI, A. **L'indonesia nella relazione di viaggio do Antonio Pigafetta**. Roma: Istituto Italiano per il Medio ed Estremo Oriente, 1972.
- BOCCARDO, G. Spontaneità ed artificio nell'espansione coloniale. In: CIUFFOLETTI, Z.; DEGL'INNOCENTI, M. **L'emigrazione nella storia d'Italia**. Firenze: Vallecchi, 1978. p.129.
- BONTEMPELLI, M. **Pezzi di mondo**. Milano: Panorama, 1936.
- CUSANO, A. **Italia d'oltremare**: impressioni e ricordi dei miei cinque anni in Brasile. Milano: Stabilimento Tipografico E. Reggiani, 1911.
- DE AMICIS, E. **Sull'Oceano**. [S.l.]: Alla Edizione Elettronica Hanno Contribuito, 2003. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/lb000252.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2015.
- FELICI, O. **Il Brasile com'è**. Genova: Stabilimento Grafico Editoriale, 1923.
- GARIN, E. **L'uomo del Rinascimento**. Roma: Laterza, 1985.
- LOMBROSO, G. **Nell'America Meridionale**. Milano: Treves, 1908.
- MALAN, G. P. **Un viaggio al Brasile**. Genova: Sambolino, 1885.
- MORICONI, U. A. **Il paese de' macacchi**. Torino: R. Frassati & Co., 1897.
- PIGAFETTA, A. **Viaggio attorno al mondo**. Org. Mariarosa Masoero. Terni: Longo Ed., 1987.
- RODITI, E. **Magalhães do Pacífico**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1989.

